

Ali vai a Luisa...

Uma casa é uma casa, não só pela sua arquitectura ou pelo seu mobiliário, mas sobretudo por aquilo que nela acontece, por quem nela vive, por quem a visita ou por ela passa, ou seja, por quem dela sabe. A Casa de Serralves já foi uma casa e hoje é um lugar onde acontecem exposições. Quando a visitamos, apercebemo-nos no entanto que ela não foi só uma casa para quem a construiu ou nela viveu. A natureza dos seus espaços cruza a tradição do palácio com a da casa burguesa abastada, naquilo em que ambas se reencontram num desejo de representação. Essa representação poderia ser económica ou social, mas jamais terá deixado de ser igualmente íntima e pessoal. Uma casa é também frequentes vezes a expressão do desejo de quem nela vive. Uma exposição também nunca deixa de ser um exercício de representação. Os artistas convidados a expor na Casa de Serralves são-no porque nas suas obras se encontram as razões para o desafio de um confronto com a natureza dos espaços e das memórias de uma casa.

No último meio século, muitos artistas assumiram o mundo como lugar de exposição para além dos espaços da galeria ou do museu. Luisa Cunha é precisamente uma artista que sempre resistiu às convenções tradicionais de apresentação e de representação da obra de arte dentro de circuitos instituídos com esse fim. O seu percurso é singular, a sua obra é rarefeita em termos de regularidade expositiva, apesar da extraordinária consistência que o seu programa de trabalho evidencia em cada momento de apresentação. Ao longo de quase uma década e meia, Luisa Cunha tem vindo a expor sobretudo em escolas, casas de banho, estufas, fábricas abandonadas, claustros de igrejas, jardins. Por isso, no momento em que artista, curador e instituição se reúnem para pensar uma exposição que possa dar conta do trabalho realizado pela primeira ao longo dos últimos quinze anos, a Casa de Serralves surge de imediato como o lugar adequado. Na Casa, seria possível reconstituir e adaptar toda uma série de projectos anteriores, realizados para contextos específicos, que perderiam uma grande parte da sua eficácia ou impossíveis se revelariam de apresentar nas galerias mais neutras do Museu.

Esta exposição resulta assim de uma operação de transferência entre lugares e tempos diferenciados, filtrando a memória na situação que agora se apresenta. Não só uma obra anterior poderá encontrar agora um outro espaço e um outro tempo, como inclusivamente a mesma obra pode nela ser apresentada no mesmo espaço em que foi realizada, sendo no entanto percebida numa temporalidade e num contexto diferenciados em relação à sua apresentação original. Tal acontece no caso dos trabalhos que a artista reapresenta na antiga capela da Casa de Serralves, que repetem a exposição que a artista aí realizou em 1999. Em qualquer exposição retrospectiva e antológica vive-se pelo menos duas vezes o momento de uma obra anteriormente apresentada. Uma das estratégias de interrogação da situação de apresentação da obra de arte explorada por alguns artistas conceptuais, como Michael Asher, consiste precisamente na repetição num mesmo lugar, mas num tempo diferenciado, da exposição aí realizada anteriormente. Será particularmente interessante avaliar como a repetição de uma exposição anterior dentro da exposição actual suscitará um novo contexto de interpretação das peças agora reexpostas.

Sobretudo quando, numa obra como a de Luisa Cunha, sempre foi relevante o desafio ao espectador e às suas expectativas nessa dramaturgia que o institui enquanto parceiro idealizado de uma acção performativa em que ele é desafiado a participar, em cada exposição da artista. Há com efeito uma teatralidade implícita em cada projecto de Luisa Cunha. Os seus trabalhos utilizam uma variedade de suportes que representarão outros tantos estímulos sensoriais para que uma presença do espectador os active em função das suas condições particulares de interpretação. O desenho, a escultura, a fotografia, o texto e o som assumem não só a natureza performativa da sua realização (muitas das obras resultam de acções corporalmente identificáveis como a leitura de um texto, a realização de um desenho, de um objecto ou de uma fotografia, segundo um programa de acção particular), como também interpelam frequentes vezes o espectador a reavaliar as suas condições de confronto com tais manifestações, entre a visibilidade e a invisibilidade, a atenção ou a desatenção, a sua perceptibilidade ou imperceptibilidade. Interrogar a situação em que se vê envolvido, numa consciência aguda do espaço, do tempo e das personagens que aí apareçam, constitui um exercício

que esta obra permanentemente nos propõe. Deste modo, as obras de Luisa Cunha situam-nos no lugar e no tempo das suas ocorrências com a ironia de quem sabe que as coisas do mundo dependem sempre da cumplicidade que com elas possamos construir ou partilhar. Com efeito, um princípio de cooperação inerente a qualquer situação comunicativa vê-se interrogado em numerosos projectos de Luisa Cunha através da transferência das circunstâncias da sua enunciação, as quais são apropriáveis por cada um na medida em que cada um é transferido para uma acção ou situação induzidas pela artista. Essas acções ou situações são tão simples como ver, escutar, estar, introduzindo uma óbvia provocação ao reconhecimento e detecção do quotidiano que cada espectador possa manifestar através do seu universo de crenças ou da sua experiência de vida.

Em 1996, Luisa Cunha participou numa exposição colectiva por mim comissariada intitulada "Modos de ver", com uma peça intitulada Ali vai o João, na qual apresentava um espaço tal qual era, com excepção de uma cadeira instalada em frente aos vidros de uma janela substituídos por espelhos e um trabalho sonoro que descrevia com uma exactidão minuciosa as características do espaço onde a sua obra era instalada. No seu trabalho, a repetição, então como hoje, desmente a redundância, demonstrando como jamais o mundo se repete da mesma maneira, desconstruindo os sentidos especulativos de todas as coincidências, provando que ninguém vive o mesmo momento duas vezes, assim como um rio não passa duas vezes pelas mesmas margens. Essa desconstrução crítica do momento da exposição, essa distanciação que alerta o espectador para o exercício sensorial e cognitivo da sua condição de espectador para além das regras que o instituem como espectador encontrava-se então igualmente implícito no título da obra, que comentava tão gentil quanto ironicamente o facto do comissário da exposição estar sempre de passagem apressada pelos locais onde os artistas instalavam os seus trabalhos, como acontece frequentes vezes com os comissários de exposições colectivas.

É com grande honra e satisfação que, mais de dez anos passados, devolvo o cumprimento, constatando, neste momento em que o Museu de Serralves lhe dedica uma mostra antológica, que “ali vai a Luisa”, com alguns dos seus projectos mais relevantes, que surpreenderam o meu trabalho de curador e, estou certo, surpreenderão agora aqueles que pela primeira vez encontrem a oportunidade de conhecer uma das obras mais singulares desenvolvidas ao longo destas últimas duas décadas no contexto artístico português. Agradeço à artista a extraordinária dedicação e entusiasmo com que correspondeu ao desafio desta exposição, assim como agradeço a relevância e a objectividade dos resultados desta mostra ao seu comissário, Miguel Wandschneider, convidado a realizar este projecto com o Museu numa altura em que ainda era curador independente, e que hoje desenvolve uma das mais estimulantes programações artísticas em Portugal na Culturgest, instituição onde a artista virá igualmente a apresentar um projecto novo que, de certo modo, continuará esta exposição.

O reconhecimento do Museu de Serralves manifesta-se ainda à Fundação EDP, por mais uma vez se encontrar connosco, tendo a coragem e a lucidez de apoiar a apresentação do trabalho de uma das artistas menos óbvias em termos desse sic transit gloria mundi que por vezes afecta em demasia a natureza de um apoio mecenático, contribuindo decisivamente para a apresentação do trabalho de uma artista cuja sobriedade e rigor demonstram como a importância de uma obra pode ser afirmada independentemente das estratégias de mercantilização e legitimação efémeras e mediáticas reconhecíveis em tantos momentos da cultura do nosso tempo.

João Fernandes

Director do Museu